

A formação acadêmica e a constituição docente no Programa de Pós-graduação em Educação

Elda Alvarenga¹

RESUMO

Busca, por meio de memorial descritivo, reconstituir a minha trajetória acadêmica e profissional relacionando os impactos do PPGE para a constituição dessa trajetória. Trata-se de uma releitura atualizada e ampliada do memorial que submeti à seleção do mestrado (2000) e no doutorado (2014). O texto está dividido em duas partes. Tem como objeto minha vida profissional e acadêmica, na qual procuro relacionar aspectos econômicos, políticos e socioculturais que acabaram por influenciar minhas escolhas ao longo do tempo. Busco, com isso, demonstrar os passos que me trouxeram por diversas vezes à academia e, de maneira especial, como a interação entre o saber acadêmico e os diversos saberes constatados na atuação profissional proporcionaram o conjunto de elementos críticos que compuseram todo o processo de formação. O objetivo do texto é, a partir da apresentação das minhas vivências no Programa de Pós-graduação em Educação e como estas provocaram desdobramentos na minha atuação acadêmica, profissional e política, contribuir para uma leitura sobre a história do Programa.

Palavras-chave: Memorial Descritivo; PPGE; Trajetória Profissional; Formação Acadêmica.

¹ Possui graduação em Pedagogia (1996), mestrado em Educação (2004) e doutorado em Educação (2018) pela Universidade Federal do Espírito Santo, cuja tese de doutoramento, intitulada “A inserção das mulheres no magistério capixaba: Desdobramentos possíveis no trabalho docente no estado do Espírito Santo (1845-1920)”, foi eleita pela Secretaria de Cultura do governo estadual, na categoria “Textos históricos sobre o Espírito Santo (2018)”. Atualmente é professora da Faculdade Estácio de Sá de Vila Velha. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação, Sociologia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, gênero, formação de professores, diversidade sexual; história das mulheres e pesquisa educacional. É membro do Núcleo capixaba de pesquisa em história da educação - PPGE/Ufes (Nucaphe) e do Núcleo de pesquisa em gênero e sexualidades (Nupeges). E-mail: eldaalvarenga@uol.com.br

The academic formation and the constitution teacher in PPGE

ABSTRACT

It seeks, through a descriptive memorial, to reconstitute my academic and professional trajectory, relating the impacts of the PPGE to the constitution of this trajectory. It is an updated and expanded re-reading of the memorial that I submitted to the selection of the master's degree (2000) and the doctorate (2014). The text is divided into two parts. Its object is my professional and academic life, in which I try to relate economic, political and sociocultural aspects that have influenced my choices over time. In this way, I try to demonstrate the steps that have brought me to the academy on a number of occasions and, especially, how the interaction between academic knowledge and the various knowledges involved in professional performance provided the set of critical elements that formed the whole formation process. The purpose of the text is, based on the presentation of my experiences in the PPGE and how they provoked developments in my academic, professional and political activities, contribute to a reading about the history of the Program.

Keywords: Descriptive memorial. PPGE. Professional Trajectory. Academic Education.

INTRODUÇÃO

Quando decidi escrever este texto, um duplo sentimento tomou conta de mim. Por um lado, a alegria de fazer parte da história do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES); por outro, o desafio de falar sobre a minha trajetória no Programa e ajudar a reconstituir a sua própria história. No início dessa tarefa, a dúvida era por onde começar e decidir que tipo de escrita melhor me representaria.

Decidi, então, refletir sobre a minha trajetória no Programa. Foi inevitável, nesse exercício, lembrar dos meses finais do doutorado. Não somente pela tensão que marcou esse período, mas também, pelo fato de ter coincidido com o doutorado intercalar, uma das mais gratificantes experiências que vivenciei em minha trajetória acadêmica. E foi da aula de

História da Educação de Portugal, ministrada pelo professor Joaquim Pintassilgo, que veio a inspiração para a escrita deste texto.

Na primeira unidade da disciplina, fomos impelidos a escrever nossas memórias. Lemos textos orientadores sobre a escrita de experiências estudantis. Esses textos nos ajudaram a conhecer um pouco a história da escola primária de Portugal. A partir do pressuposto de que “somos organismos contadores de história” (CONNELLY; CLANDINI, s.d. *apud* PAZOS, 2002, p. 108) e que o conhecimento sobre as experiências educativas são importantes fontes para conhecermos o funcionamento dos centros de formação (PAZOS, 2002), optei por registrar minha vivência acadêmica e profissional acreditando que, à medida que falo de mim, com toda essa experiência vivenciada no Centro de Educação e no PPGE, estarei, em alguma medida, reconstituindo um pouco a história do Programa.

Dessa forma, este texto é uma releitura atualizada e ampliada do memorial que submeti em 2000 à seleção do mestrado e do doutorado em 2014. Busca assim, reconstituir a minha trajetória acadêmica e profissional. O texto está dividido em duas partes. A primeira tem como objeto minha vida profissional e formação acadêmica, na qual procuro relacionar aspectos econômicos, políticos e socioculturais que acabaram por influenciar minhas escolhas ao longo do tempo.

Busco, com isso, demonstrar os passos que me trouxeram por diversas vezes à academia e, de maneira especial, como a interação entre o saber acadêmico e os diversos saberes contatados na atuação profissional proporcionou o conjunto de elementos críticos que compuseram todo o processo de formação até aqui. Na segunda parte do texto, enfatizo as minhas vivências no PPGE e como elas provocaram desdobramentos na minha atuação acadêmica, profissional e política.

Primórdios da trajetória profissional e acadêmica: do Curso Normal ao Curso de Pedagogia

Iniciei minha trajetória profissional aos dezoito anos, logo que terminei o Curso Normal (Magistério). Na ocasião, acalentava uma visão demasiadamente *romântica* da profissão, pois me considerava cheia de vocação para ser a *tia*, a *professorinha*, ideia tão exaltada durante minha formação até aquele momento. Comecei a trabalhar no ano de 1989, como professora em regime de designação temporária, numa escola da Rede Municipal de

Viana, localizada no bairro Marcílio de Noronha, área periférica da Grande Vitória (ES). Meu primeiro contato com a docência ocorreu trabalhando, simultaneamente, com duas turmas: uma da 2ª série do ensino fundamental, no horário vespertino, e outra, da educação de jovens e adultos (EJA), no noturno.

As inúmeras inquietações que foram se formando ao longo do Curso de Magistério (principalmente por ocasião da realização do estágio obrigatório) se agravavam à medida que me deparava com as contradições encontradas entre o processo inicial de formação e o cotidiano escolar. A começar pela inexistência de conteúdos relacionados à EJA, a inadequação dos métodos estudados com a realidade concreta da sala de aula e, ainda, a superficialidade teórica, elementos marcantes da primeira fase de minha formação para o trabalho. Assim, à medida que estudava e relacionava as teorias e métodos ao cotidiano escolar, mais crescia o desejo de me qualificar. Esse processo de formação forçada pelas circunstâncias foi a mola mestra para o esfacelamento da crença no projeto de *professorinha de crianças* que pensava até aquele momento.

O ano letivo de 1990 foi marcante e decisivo na minha trajetória acadêmica e profissional. Foi inaugurada no bairro Marcílio de Noronha, a primeira escola que se propunha a oferecer as séries finais do ensino fundamental, para a qual fui transferida. Essa mudança de espaço físico e intelectual trouxe grande influência para a minha formação e atuação profissional.

O quadro docente do turno noturno, no qual funcionavam as salas de educação de jovens e adultos, contava com duas professoras com formação em nível médio (uma era eu), duas professoras com Curso Adicional e oito professores/as com formação superior. O grupo era muito unido e sempre discutíamos sobre as questões educacionais. Sentia-me insegura quando os/as colegas questionavam algumas das minhas posturas de ordem metodológica e, principalmente, em relação à concepção de educação que embasava o meu trabalho.

Essa relação me motivou a participar, no mesmo ano, do Congresso Estadual da então União dos Professores do Espírito Santo (UPES), hoje Sindicato dos/as Trabalhadores/as em Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes). Aquele Congresso foi bastante significativo para despertar em mim o desejo de discutir as questões políticas que permeavam a educação. Essas discussões, aliadas a minha sede de formação, fizeram crescer cada vez mais o desejo pelo curso universitário, como forma de obter melhor qualificação, tanto pedagógica, quanto política.

Em 1991, ingressei no quadro efetivo do magistério municipal de Viana, após a aprovação em concurso público. Todas essas condições me levaram a enfrentar o vestibular e, nesse mesmo ano, ingressei no Curso de Pedagogia da UFES. A partir de então, minha atuação profissional sofreu sérias alterações. A Universidade me oportunizou o aprimoramento da visão política e crítica da educação brasileira, à medida que observava suas diversas complicações sociais, políticas, culturais e econômicas. Durante o curso, procurava relacionar e aplicar os conteúdos discutidos na Universidade à prática docente.

A Universidade também abriu a oportunidade para a minha participação no movimento estudantil, o que, de certa forma, complementou minha formação acadêmica, construída na militância com outros companheiros e companheiras nas diversas atividades que desenvolvíamos juntos, tanto no movimento dentro da UFES como em sua representação no movimento da área do curso de Pedagogia em nível estadual e nacional. Durante esse processo, relacionava a formação acadêmica a minha opção política na luta por uma educação mais igualitária, pública, de qualidade e para todos/as.

Obviamente, a Universidade não resolveu todas as dificuldades encontradas na sala de aula. Antes, suscitou cada vez mais questões de investigação que, pouco a pouco, foram me possibilitando uma formação mais consistente e, conseqüentemente, mais crítica e participante. Ainda, em 1991, ingressei na Rede Pública Estadual de Ensino, como professora das séries iniciais. Encontrei uma escola muito “fechada”, pouco disposta a discutir programas e metodologias e, principalmente, teorias de aprendizagem. Frequentemente, ouvia das colegas frases tais como “você está apenas começando, por isso acredita que pode ser diferente” ou “quando comecei também era utópica”. Portanto, minha trajetória de formação acadêmica e atuação profissional foram marcada pelo equilíbrio entre trabalho e estudo, participação sindical, representação estudantil e participação em movimentos sociais organizados.

Entre os anos de 1991 até 1996, dediquei-me à docência nos anos iniciais do ensino fundamental e na EJA. Essa época também foi marcante para a minha formação política sindical e para o aperfeiçoamento teórico pedagógico. Lembro-me, inclusive, de como me inscrevia em todos os cursos que me interessavam e que era possível frequentar.

Em 1997, iniciei o Curso de Pós-Graduação *lato sensu* “Formação do Especialista em Educação” na UFES. Meu objetivo era aprofundar as discussões da graduação, buscar maior embasamento teórico e, principalmente, vivenciar a produção de um trabalho científico, no caso, a monografia. Além disso, o curso ampliou meu campo de trabalho.

Naquele período, muitas mudanças políticas transformaram Viana em um município pouco favorável à atuação do magistério: salários atrasados, péssimas condições de trabalho, perseguições políticas e a desorganização do local de trabalho, muito diferente da época em que iniciei. A escola não apresentava mais um quadro constante de professores. Muitos saíram em busca de melhores condições de trabalho e outros trabalhavam em rodízio constante, sob o regime de designação temporária, quase sempre indicados pelos chamados “vereadores do bairro”. Esses conflitos se intensificaram nos anos seguintes.

O magistério municipal fortaleceu a luta contra as visíveis irregularidades cometidas pela Prefeitura e, com isso, organizou-se para contribuir na luta contra os desmandos políticos que marcaram esse período da história do Município de Viana. Foi exatamente nessa época (1998) que fui eleita para a coordenação municipal do magistério pelo Sindiupes.

Esse fato inaugurava minha participação de modo mais sistemática no movimento sindical, o que muito contribuiu para me aprofundar no conhecimento sobre as condições sócio-políticas e econômicas que estruturam a educação no país. Foi, também, naquele período, que comecei a me interessar pelos estudos de gênero e, pouco a pouco, eles foram ocupando grande parte do tempo que dedicava a minha formação.

No ano 2000, fui eleita para um mandato como membro da direção do Sindiupes. Naquela época, exerci a função de secretária de formação e essa experiência foi muito importante, não somente para a minha formação pessoal, como também para a compreensão mais qualificada das condições em que se encontravam o trabalho docente no Espírito Santo e no Brasil.

A luta cotidiana com professores e professoras da rede pública estadual e das redes municipais foi relevante para o aprofundamento dos meus estudos sobre a política educacional vigente. Essa experiência também contribuiu para o meu conhecimento sobre as reformas educacionais e administrativas do governo federal, num momento especial, em que ocorria um amplo processo de reestruturação institucional, envolvendo, inclusive, a redistribuição das competências sobre os vários níveis de ensino entre os entes federativos, com destaque para a municipalização do ensino fundamental e da educação infantil.

Compreendi, naquele contexto, o quanto é primordial os movimentos de resistência contra os ajustes da “globalização da economia”, os quais, de acordo com Frigotto (1995), pressupunham as políticas educacionais como um espaço privilegiado para a efetivação das propostas neoliberais.

O ano de 2001 marcou o início da minha atuação como professora no ensino superior. Nesse período, pude vivenciar diversas experiências como professora do Curso de Pedagogia e do Curso Normal Superior em quatro instituições particulares de Ensino: Faculdades Integradas Espírito Santenses (FAESA/Vitória), Escola Superior São Francisco de Assis (ESESFA/Santa Teresa), Associação Vitoriana de Ensino Superior (FAVI/Vitória) e a Faculdade da Região Serrana (FARESE/Santa Maria) (todas no Estado do Espírito Santo).

Nesse período, ministrei as disciplinas de Metodologia de Pesquisa, Didática, dentre outras, mas me dediquei, de modo especial, à orientação e acompanhamento de Estágio Supervisionado. Também tive a oportunidade de orientar a elaboração de diversos trabalhos de conclusão de curso.

A docência no ensino superior privado me ajudou a superar o preconceito que tinha em relação a essas instituições, talvez oriundo de toda a minha formação em escola pública e pela militância sindical. Comecei a perceber que se por um lado essas instituições vendem, na maioria das vezes muito caro, formação acadêmica, por outro, a maioria dos/as profissionais com as quais tenho trabalhado tem demonstrado seriedade e compromisso com um projeto de educação que contribua para a emancipação de cidadãos e, mesmo diante da precarização das condições de trabalho, desenvolvem experiências e atividades bastante interessantes e relevantes para a formação dos/as professores/as.

Nota-se também que os/as acadêmicos das instituições privadas são na sua maioria e em se tratando do curso de Pedagogia, oriundos das classes trabalhadoras que, diferente de mim, não tiveram oportunidade de estudar em instituições públicas. Nesse sentido, meu olhar sobre esse público foi sendo qualificado à medida que me aproximei desse nível de ensino.

Mestrado e o doutorado: tornando-me pesquisadora na vivência do/no PPGE

Iniciei, em 2001, o curso de Mestrado em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFES. Começou, ali, minha relação com esse Programa. Meu primeiro desafio foi a opção por aprofundar os estudos de gênero. Meu primeiro contato com o Programa, ainda antes do processo seletivo, me indicou que, se eu quisesse ser selecionada deveria propor uma pesquisa que “interessasse” a um/a dos/as professores/as, possíveis orientadores/as; no entanto, no momento, nenhum/a professor/a se dedicava a investigações nesse campo de conhecimento. Assim, angustiada, mas determinada a vivenciar o mestrado,

optei por submeter um projeto que pretendia estudar as políticas públicas de formação de professores e professoras da Secretaria Estadual de Educação (SEDU).

Lembro que, da inscrição até o resultado final da seleção, foram dias intensos porque, como aluna trabalhadora, precisava conciliar as atividades no Sindiupes, à docência e à leitura dos livros indicados para a seleção.

O que me assustava não era o conteúdo a ser apreendido e demonstrado na prova, mas a quantidade de obras a serem lidas – entre a literatura geral e específica, treze livros. Mas, eu consegui. Li e fichei todos até uma semana antes da prova e na semana anterior, revisei todo o conteúdo. A notícia da aprovação me trouxe muita alegria e dois novos desafios: como conciliar o mestrado com a militância sindical, a vida profissional e como abordar no Programa a possibilidade de troca de tema.

Esse último desafio precisou ser encarado de imediato, pois, já no primeiro semestre, iniciamos os ajustes dos projetos. Eu lutava para me contentar com o projeto inicial, mas as próprias aulas das disciplinas obrigatórias me motivavam a propor a troca da temática, uma vez que era o que, naquele momento, me instigava e me movia em direção à pesquisa. Mas eu sempre me lembrava das palavras da minha orientadora, professora Janete Magalhães de Carvalho, quando da entrevista. Dentre outras coisas, ela me disse que tinha gostado muito do meu projeto de pesquisa e que também gostava de orientar sindicalistas devido à forma autônoma que produzem.

Quando soube que ela seria minha orientadora, vivi um misto de alegria, pois no processo fui conhecendo um pouco quem eram os/as professores/as do Programa e aprendi a admirá-la e com a preocupação na possibilidade de mudança de tema. Meu dilema era: como abordar o assunto com a minha orientadora? Qual seria a relação dela? Como justificar a feitura de um projeto para a seleção se pretendia investigar outra temática. Um dia, socializava esse dilema com um orientando da professora Janete Magalhães de Carvalho, que acabara de defender a dissertação.

Ele, então, me disse: converse com ela, ela vai entender e vai te apoiar. Era tudo que eu precisava ouvir e, felizmente, foi o que aconteceu. A professora Janete Magalhães de Carvalho foi muito compreensiva quando expus para ela todo o ocorrido. Também me recomendou a procurar alguém que me orientasse sobre os estudos de gênero, mas se colocou à disposição para as questões metodológicas. E foi assim que o professor Thimoteo Camacho se tornou meu coorientador. A dissertação foi escrita a três mãos, o que acabou sendo uma parceria muito interessante.

O segundo desafio foi superado de uma forma mais drástica, mas igualmente importante para mim. Na ocasião, eu tinha duas cadeiras na Prefeitura de Viana, a primeira, que exercia desde 1989 estava à disposição do Sindiupes e assim permaneci até o final de 2003. A segunda, como era impossível conciliar com as aulas matutinas e noturnas, solicitei exoneração antes do início das aulas do mestrado.

Como não poderia deixar de ser, a experiência no mestrado foi de grande relevância para a minha formação acadêmica, especialmente, no que se refere à formação como pesquisadora. Na pesquisa para a dissertação – uma experiência bastante relevante, que interferiu na minha produção acadêmica nos últimos anos – preocupei-me em estudar como o gênero se faz presente no cotidiano escolar. Apesar de responder a muitas de minhas indagações iniciais, a investigação também serviu para que novas problematizações fossem se constituindo, tanto no seu desenvolvimento quanto nos anos que se seguiram à conclusão do mestrado. Algumas dessas questões foram respondidas na medida em que continuei a estudar, pesquisar e me envolver com movimentos de resistência das mulheres, principalmente nas questões relacionadas com a educação e a violência doméstica (ALVARENGA, 2018).

Semelhante ao que ocorreu na graduação, mas de forma mais tímida, também, busquei participar de espaços e tempos para além da sala de aula durante o curso. Nesse sentido, compus o comitê editorial da Revista *Pró-Discente* por dois anos. Naquela época, a revista ainda era impressa e encarava diversos desafios, sendo o principal deles a falta de artigos para publicação. Foram dois anos de muito trabalho para fortalecer a revista.

A *Pró-Discente* foi muito importante para os meus primeiros movimentos para publicar o que vinha produzindo no mestrado. Foi nela que publiquei meu segundo² e terceiro³ trabalhos em revista acadêmica⁴, um, fruto do trabalho final da disciplina da Filosofia da Educação, ministrada pela minha orientadora e, o outro, uma adaptação da minha monografia da Pós-Graduação *Lato Sensu*, esse motivado pela dificuldade de novas produções discentes para compor um número da revista.

² ALVARENGA, Elda. Marxismo e feminismo: um encontro possível? **Pró-Discente (UFES)**, v. 7, p. 71-79, 2001.

³ ALVARENGA, Elda. Formação de educadores e educadoras de pessoas jovens e adultas no Brasil: limites e perspectivas. **Pró-Discente (UFES)**, v. 7, p. 88-97, 2001.

⁴ O primeiro foi fruto de um convite que recebemos da Associação Nacional de Política e Administração da Educação (Anpae/ES) a partir da nossa militância no Sindicato: VIANA, Arthur Sérgio Rangel; ALVARENGA, Elda; SILVA, Erineusa Maria da. Política Educacional no Espírito Santo: o contraponto entre o custo e a qualidade. **Cadernos de Política e Administração da Educação**, Vitória, ano 1, n. 2, jul./dez.1999.

Também foi no mestrado que me aproximei dos eventos acadêmicos e tive a oportunidade de apresentar trabalhos em alguns deles. Foram cinco trabalhos completos publicados em anais de congressos e sete trabalhos apresentados. Desses destaco a apresentação feita na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)⁵, fruto da disciplina Estágio em Pesquisa, fundamental para o exercício da investigação que culminou na dissertação de mestrado. Observo agora, como que, naquela época, as minhas produções materializavam, por um lado, a experiência acadêmica e por outro, a militância política. É possível perceber, ao analisar esses escritos, o movimento articulado e coerente dessas duas dimensões da minha formação.

Findo o mandato da direção do Sindiupes, em 2003, optei por me afastar do movimento para que pudesse me dedicar de modo mais sistemático à pesquisa do Mestrado. Naquela mesma época, optei por me exonerar da Prefeitura de Viana, devido às inúmeras dificuldades que me foram colocadas pela administração depois do meu mandato sindical. Percebi na ocasião que era o desejo da Secretaria Municipal negar todos os pedidos de licença, com ou sem vencimentos, bem como os de flexibilização do horário de trabalho, o que me levaria a optar entre o mestrado e a docência naquele município.

Diante daquele contexto, optei por ficar, temporariamente, somente no ensino superior privado que, por ser no horário noturno, não me prejudicava nas aulas e na pesquisa do mestrado. Essa foi uma decisão difícil, devido à identificação que tenho com a escola pública, berço da minha formação desde o ensino fundamental, mas, naquele momento, ou estudava ou me mantinha na rede pública.

Optei, então, por manter minha contribuição para a educação pública via formação de professores e professoras como docente no Curso de Pedagogia. Decisão difícil na época, mas que me trouxe uma nova e desafiadora possibilidade de atuação docente. Ao pensar sobre isso atualmente, vejo que essa ruptura foi necessária para que eu pudesse trilhar outros caminhos, que, uma vez trilhados, enriqueceram não somente minha atuação como professora universitária, mas também como pesquisadora.

Meu aprofundamento nos estudos sobre gênero e a conclusão da dissertação em 2004 abriram novos horizontes de trabalho e de militância social. Tive, assim, a oportunidade de participar como convidada de diversos congressos e seminários acadêmicos (no Brasil e em

⁵ ALVARENGA, Elda. **A (in)visibilidade das mulheres nas produções acadêmicas sobre formação de professoras e professores**, 2002. Universidade Federal de Goiás; Cidade: Goiânia; Evento: 54ª Reunião Anual da SBPC.

alguns países latino-americanos), mas, também, de atividades formativas junto às mulheres da Via Campesina, do Fórum Estadual de Mulheres do Espírito Santo e de sindicatos capixabas.

Ao mesmo tempo pude promover oficinas em várias edições do Fórum Social Mundial, sempre motivadas pelo tema da opressão sobre as mulheres. Participei também nesse período de vários trabalhos de consultoria na Grande Vitória, como membro da equipe da Cooperativa de Trabalho de Consultoria Multidisciplinar (Coopemult), uma experiência profissional nova e estimulante, especialmente na coordenação de equipes de pesquisa (violência contra a mulher; gestão educacional; participação das comunidades escolares; entre outros projetos, trabalhos encomendados por prefeituras municipais e por sindicatos. Além da produção já exposta acima, também considero como desdobramentos do mestrado a publicação de um capítulo de livro⁶, bem como a publicação da dissertação em formato de livro⁷.

Certamente, o fato de o texto ter sido aprovado com indicação para publicação me motivou a buscar formas de operacionalizar essa tarefa. Tudo isso me tornou uma profissional mais versátil, com possibilidade de atuar em atividades para além do ambiente escolar estrito senso, o que de fato passou a ser uma realidade.

No ano de 2005, participei de um processo seletivo e me tornei consultora do Ministério da Educação. A tarefa inicial era ajudar na implantação do Programa Escola Aberta no Estado do Espírito Santo⁸ com abrangência na Grande Vitória. Posteriormente, o meu trabalho passou a ser coordenar as atividades do Programa no estado e ser um elo de comunicação entre a Coordenação Nacional do Programa e as secretarias de educação que o executam em nível regional.

Entre as tarefas que mais exigiram minha dedicação, destaco a criação e o fortalecimento do Comitê Metropolitano do Programa Escola Aberta no Espírito Santo. Foi uma experiência muito significativa e reveladora dos limites da gestão de políticas públicas educacionais, tanto em nível local quanto nacional. Atuar como consultora do Ministério da Educação também me possibilitou vislumbrar outras possibilidades de atuação profissional e acadêmica. Por essa opção de trabalho exigir muita disponibilidade de tempo, inclusive para viagem ao Ministério, me afastei-me durante um período da docência no ensino superior.

⁶ALVARENGA, Elda; OLIVEIRA, Samuel Louzada Castro de. Tendências recentes do debate sobre o/a professor/a como profissional competente. In: **Diferentes perspectivas da profissão docente na atualidade**. Vitória: EDUFES, 2002. p. 47-78.

⁷ALVARENGA, Elda. **Relações de gênero nos cotidianos escolares: a escolarização na manutenção/transformação da opressão sexista**. Contagem: Santa Clara, 2007.

⁸ Programa Escola Aberta: Educação, Cultura, Esporte e Trabalho para a Juventude, criado pela Resolução CD/FNDE, nº 052, de 25 de outubro de 2004.

Deste então, a cada ano, tive a oportunidade de um novo contrato com o Ministério da Educação, sempre com atividades relacionadas ao Programa Escola Aberta. Destaco como as mais significativas, a organização e o acompanhamento do Comitê Metropolitano, hoje Comitê Estadual de Educação Integral, especialmente no que se refere a uma ação inédita de política metropolitana: pela primeira vez no estado conseguimos reunir secretarias municipais e a Secretaria Estadual de Educação para implantar, monitorar, executar e avaliar uma política pública de âmbito nacional, mas que se materializava sob a gestão local.

Essa experiência contribuiu muito para que me inteirasse dos processos organizativos, políticos e administrativos internos das secretarias de Educação. Também foi muito proveitosa a minha atuação como consultora do Ministério no planejamento, na organização e na execução dos processos formativos dos/as profissionais e demais pessoas envolvidas no Programa Escola Aberta. Foram muitos seminários, fóruns, palestras, reuniões temáticas e cursos. Dentre os cursos, destaco a minha atuação da coordenação pedagógica do Curso de Pós-Graduação em Educação Comunitária (2007 e 2008) e o Curso de Pós-Graduação em Educação Integral e Saberes Populares (2010 e 2011)⁹.

Na medida em que o Programa Escola Aberta foi se consolidando no estado minha participação como consultora do MEC foi se restringindo muito mais às atividades de formação e de pesquisa avaliativa sobre a sua execução. Com isso, pude retomar as atividades regulares de docência (desde 2009), agora na Faculdade Estácio de Sá de Vila Velha.

Iniciei essa nova experiência como professora das disciplinas de Didática e Estrutura e Funcionamento da Educação Básica, depois ministrei as disciplinas de Estágio Supervisionado, Gestão da Educação, Políticas Públicas da Educação Básica e Pesquisa e Prática em Educação. Tive a oportunidade de coordenar o curso na Unidade de Vitória de 2014 a meados de 2016, quando retornei para a Unidade de Vila Velha, também para coordenar o curso.

Com isso, passaram-se dez anos entre o final do mestrado e o início do doutorado, em 2014. Foram anos em que a dedicação permitiu me consolidar como professora do ensino superior. Dentre as experiências que marcaram a última década, aponto a docência no Ensino Superior,¹⁰ como professora conteudista¹¹ e docente da disciplina Educação, Sexualidade e

⁹ Esses cursos foram financiados com recursos do MEC/FNDE e desenvolvidos no Centro de Educação Física e Desporto da UFES, sob a coordenação do Professor Doutor Antônio Carlos de Moraes.

¹⁰ Faculdade Estácio de Vila Velha. A instituição tem um modelo nacionalizado de ensino, mas possibilita ao Núcleo Docente Estruturante (NDE) dos cursos a seleção de duas disciplinas regionalizadas. Apresentei a proposta de plano de ensino ao NDE que a aprovou. A partir de então, a disciplina foi incorporada àquelas que

Gênero, que me possibilitou incluir, na trajetória formativa de graduandos/as de Pedagogia, o debate sobre gênero, feminização, organização do trabalho docente e diversidade sexual.

Nos últimos anos, também participei do Núcleo de Extensão, Pesquisa e Ensino de Educação em Direitos Humanos da UFES¹² especialmente como coordenadora de tutoria do curso Gênero e Diversidade na Escola, o que me possibilitou, mais uma vez, o envolvimento com professores e professoras da educação pública básica, vivenciando com eles e elas desafios de dar visibilidade na escola a temáticas geralmente silenciadas nos cotidianos escolares. Essas experiências acabaram por direcionar as produções realizadas entre 2004 (quando finalizei o mestrado) até 2014. Nota-se uma aproximação maior com a pesquisa na graduação e um aprofundamento dos estudos de gênero.

O retorno à academia trouxe-me um novo desafio: a realização de uma pesquisa historiográfica, a partir dos pressupostos da micro-história italiana, dessa vez com foco na inserção das mulheres no magistério primário capixaba. Essa tarefa me pareceu enorme, mas, à medida que me aproximei do Núcleo Capixaba de Pesquisa em História da Educação (Nucaphe-Ufes) e dos estudos sobre a escrita a contrapelo da história, foi se desenhando de uma forma cada vez mais prazerosa e possível.

Destaco, nesse processo, a orientação presente e carinhosa da professora Regina Helena Silva Simões, uma parceira que tornou a experiência de produzir uma tese, em meio a tantos vendavais, uma conquista. Ela me apresentou a historiografia e a historiografia capixaba e além disso, como expresso nos agradecimentos da tese, teve o mérito de me propor não somente o desafio de fazer uma pesquisa historiográfica, como também de me apresentar ao método indiciário. A ela devo agradecer, de forma especial, pela condução solidária e fraterna do Nucaphe. O núcleo se constituiu num espaço e tempo de formação diferenciado, à medida que as trocas entre veteranos/as e calouros/as fortaleciam e qualificavam uns aos

são obrigatórias do curso ministrado na unidade de Vila Velha, em 2010, o que também ocorreu na unidade de Vitória, quando da abertura do curso em 2014.

¹¹ Termo usualmente utilizado nos processos educacionais desenvolvidos a distância. A Resolução nº 8, de 30 de abril de 2010, do Ministério da Educação, caracteriza o conteudista como o professor ou pesquisador que atua nas atividades de elaboração de material didático, de desenvolvimento de projetos e de pesquisa. Na Estácio, cabe a esse profissional a elaboração do Plano de Curso, planos de aula e material didático pedagógico de disciplinas específicas da matriz curricular nacional, em especial aquelas que são desenvolvidas localmente pelos cursos em cada Estado. No caso, a disciplina em questão, apesar de compor a Matriz Curricular Nacionalizada do Curso de Pedagogia da Estácio, foi elaborada por demanda do NDE da unidade de Vila Velha/ES.

¹² Esse núcleo atende às exigências estabelecidas no Edital nº 01 de Chamada Pública de março de 2010, da Presidência da República/Secretaria Especial dos Direitos Humanos/Subsecretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, particularmente na Ação 2 do Programa 1402 (Educação em Direitos Humanos).

outros/as, experiência que se estende para depois da defesa e que sempre fará parte de minha vida acadêmica.

Novamente no doutorado me deparei com as dificuldades inerentes àquelas e àqueles que são alunos/as trabalhadores/as. Como no mestrado, precisei conciliar as responsabilidades profissionais, o que é sempre complexo, na mesma medida em que também é educativo. Outra semelhança com o percurso vivenciado no mestrado foi o envolvimento com a revista *Pró-Discente*.

Novamente nos deparamos com um processo de reestruturação da revista e dessa vez pudemos contribuir como editora de sessão e editora chefe da Revista, de 2014 a 2017. Alteramos representantes, adequamos regimentos e normas ao contexto atual e conseguimos, com o trabalho coletivo da equipe, acertar a periodicidade do periódico. No doutorado também encaramos o desafio de ser representante estudantil da turma. Essa experiência me ajudou a compreender os processos internos ao Programa e a política nacional para a pós-graduação. Em tempos de retrocesso em que vivemos, foi um momento rico e bastante desafiador.

O doutorado nos motivou e impulsionou à produção. Foram quatro artigos publicados em periódicos (sendo dois na *Pró-Discente*); dois livros digitais produzidos pela Unesco em que fui a responsável pelo texto; dois capítulos e uma organização de livro; 17 trabalhos apresentados e publicados completos em anais de congresso e nove resumos publicados em anais de eventos acadêmicos. Esses dados apontam que o trabalho, aliado aos estudos, além de ser fonte de fadiga, pode também se constituir como campo fértil para a produção.

Outra importante experiência do doutorado foi o que o membro externo da banca chamou de um exercício conjugado “[...] de forma rara e explícita numa tese, o ensino, a pesquisa, a extensão [...]” (SCHUELER, 2018, p. 1). O processo de aproximação com a Escola Maria Ortiz revelou-se fundamental para avaliarmos a falta de uma política pública de preservação da memória local.

Fomos muito bem recebidos pela direção da Escola e pelos funcionários da secretaria que são responsáveis pela manutenção do arquivo da escola, mas nosso primeiro contato causou muito espanto quando nos deparamos com um espaço em precárias condições tanto para abrigar a documentação da escola (de uso contínuo), como para preservar a sua memória e a do patrimônio histórico que ela abriga.

Da mesma forma, a estrutura não era adequada à consulta de informações que remontam a períodos anteriores a 1970. O espaço fechado (apesar das grandes janelas),

escuro, com muitas infiltrações contribuiu para o aspecto insalubre tanto para a pesquisa como para o trabalho cotidiano dos/as funcionários da escola (ALVARENGA, 2018, p.56).

Encontramos um arquivo em que,

os documentos estavam amontoados em uma sala grande que abrigava uma série de materiais, como livros, revistas, cartazes e materiais didáticos diversos, bem como carteiras, mesas e outros equipamentos quebrados em desuso. Uma dificuldade encontrada era que, pela insalubridade, alguns funcionários não suportavam permanecer no local, mesmo que, vez por outra, precisassem recorrer a alguma documentação mais antiga. Esse contexto nos levou a estabelecer um diálogo com a escola que teve como fruto a proposta da realização de um projeto de extensão,¹³ que contribuisse para separar minimamente os arquivos de uso contínuo daqueles mais antigos, com vistas a facilitar tanto o trabalho dos/as funcionários/as da escola como o dos/as pesquisadores/as interessados/as nos registros ali abrigados.

Finalizados os trâmites formais, iniciaram-se as atividades do projeto de extensão. Contamos com a participação do pessoal da secretaria da escola, da sua direção e de uma monitora responsável por separar o material e “inventariar” os documentos encontrados no local. Também tivemos a colaboração voluntária de membros do Nucaphe que, em mutirões realizados, muito contribuíram na tarefa de conferir um aspecto mais adequado para a consulta dos documentos e, com isso, o espaço foi sendo alterado.

Ainda longe do que um arquivo deve ser, o que se conseguiu com o processo foi o necessário para retirar da sala o que era “lixo”, garantir minimamente a identificação do vasto material disponível e, ainda, melhorar as condições gerais do local. Além do trabalho realizado pela equipe do projeto e do Nucaphe, a direção da escola não mediu esforços para garantir as condições estruturais para as atividades (oferta de luvas, caixas, máscaras etc.) e a reestruturação do espaço (ALVARENGA, 2018, p. 56).

Essa experiência e outras me mostraram como as parcerias entre pessoas são relevantes em ambientes por vezes tão competitivos como os programas de Pós-Graduação. Algumas pessoas¹⁴ tornaram tanto o mestrado quanto o doutorado, experiências coletivas,

¹³ O projeto Acervos Escolares: desvelando memórias/produzindo conhecimento, coordenado pelo professor historiador e arquivista, Everaldo Simões, tinha como objetivos organizar o arquivo da escola, separando os documentos mais recentes de consulta frequente do material anteriores a 1950 e elaborar um banco de dados com os documentos encontrados para facilitar a consulta de outros pesquisadores/as interessados da História da Educação do Espírito Santo. Teve a duração de um semestre letivo e contatava com uma bolsista de iniciação científica alocada no Curso de Pedagogia da faculdade Estácio de Sá de Vitória, coordenado, na ocasião, pela autora deste texto.

¹⁴ Destaque no mestrado para Fabiulla Ferreira e no doutorado para Erineusa Maria da Silva; amigas com as quais partilhei, respectivamente, as alegrias e as tristezas do mestrado e do doutorado.

socializadas, mais humanizadas, à medida que se propunham a fazer junto. Muito/as foram os/as colegas, amigas/os, companheiras/os, que leram o texto, prepararam seminários, choraram e sorriram comigo a cada conquista, apontaram limitações e não mediram esforços para me ajudar nesse período, esforço que tentei retribuir da mesma forma. Espero ter conseguido!

Outro destaque no percurso do doutorado foi a participação no Programa de Doutorado-sanduiche no Exterior, desenvolvido na Universidade de Lisboa, no período de agosto a dezembro de 2017. Essa experiência possibilitou-me o aprofundamento teórico e maior aproximação das fontes. A oportunidade também me proporcionou a troca de saberes/fazer entre pesquisadores/as da História da Educação e mais especificamente da história da profissão docente.

Nesse sentido, destaca-se o acordo de cooperação entre o PPGE e a Universidade de Lisboa, que possibilitou não apenas a realização do estágio intercalar, mas também, garantiu que fosse uma experiência enriquecedora entre os dois grupos de pesquisa. Nesse sentido, destaca-se, também, todo o apoio operacional que recebemos do Programa bem como da Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PRPPG).

Terminada a tese e, de volta ao mundo do trabalho, o desafio agora é continuar contribuindo para a formação de professores e professoras e as investigações que visibilizem as relações de gênero, sua interface com o trabalho docente e a história das mulheres. Já posso apontar como um desdobramento desse processo, a criação do Núcleo interinstitucional de pesquisa em gênero e sexualidades (Nupeges)¹⁵.

No momento, o núcleo está desenvolvendo uma pesquisa guarda-chuva denominada “Gênero, sexualidade e ideologia: as políticas públicas educacionais no Estado do Espírito Santo” e envolve doze acadêmicos/as sendo seis da UFES e seis da Faculdade Estácio de Vila Velha.

Nesse sentido, posso afirmar que o PPGE teve uma relevante interferência sobre a minha formação acadêmica, na medida em que esteve entrelaçada com a experiência docente, tornando-se fundamental para a profissional/pesquisadora que venho me constituindo ao longo dos anos. De resto, basta dizer que os limites e avanços pelos quais esse Programa tem passado também se fazem presentes na história que temos contado de nós mesmos.

¹⁵ Coordenado pelas professoras Elda Alvarenga (Estácio), Erineusa Maria da Silva (UFES) e Lílian Cristina Moreira (Estácio).

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Elda. **A inserção das mulheres no magistério capixaba: desdobramentos possíveis no trabalho docente no estado do Espírito Santo – Vitória/ES (1845 a 1920).** 2018. 358f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista.** São Paulo: Cortez, 1995.

PAZOS, Mercedes. Historia de vida y fuente oral: los recuerdos escolares. In: **La memoria y el deseo: cultura e la escuela y educación deseada.** Tirant lo Blanch: Valencia, 2002. p. 107-133.

SCHUELER, Alessandra Frota. Parecer de examinadora externa - tese de doutorado. MIMEO, PPGE: Vitória, 2018.

Artigo recebido em: 09/07/2018

Aceito em: 15/08/2018

Publicado em: 17/12/2018